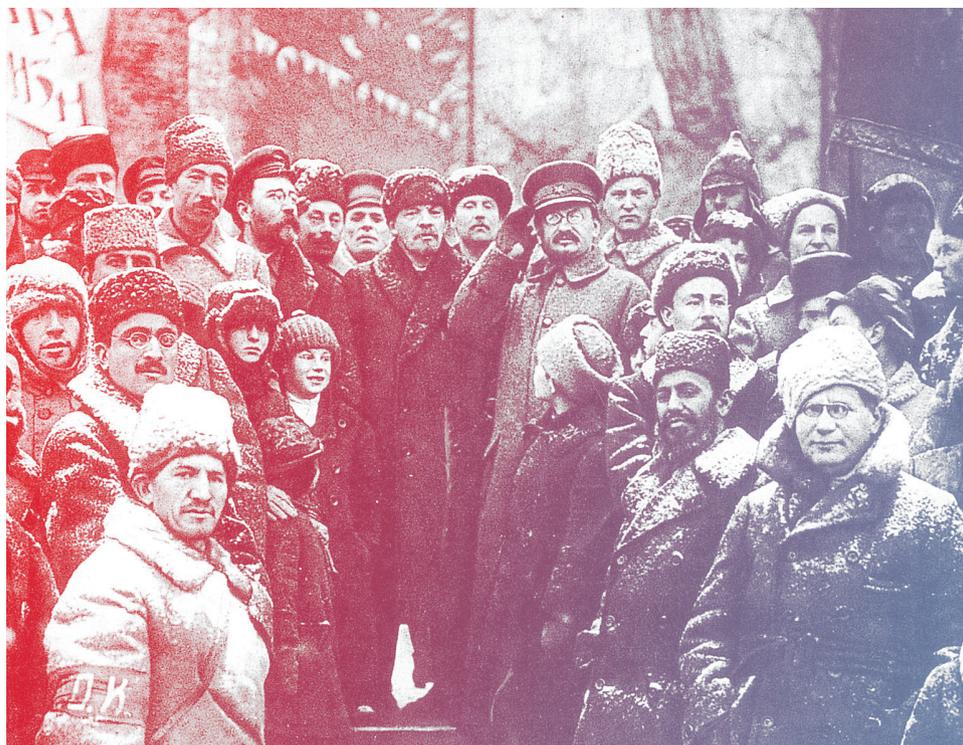


Viva os 105 anos da Revolução Russa!

Lutemos pela superação da crise de direção!

*Reconstruir o Partido Mundial da Revolução
Socialista, a IV Internacional*



POR
PARTIDO OPERÁRIO
REVOLUCIONÁRIO



EM DEFESA DA REVOLUÇÃO E DITADURA PROLETÁRIAS
MASSAS

Viva os 105 anos da Revolução Russa!

Lutemos pela superação da crise de direção!

*Reconstruir o Partido Mundial da Revolução
Socialista, a IV Internacional*

Índice

| | |
|---|----|
| Apresentação | 5 |
| Viva os 105 anos da Revolução Russa! | 7 |
| 104 anos da Revolução Russa - Mais de um século de luta pela revolução mundial | 14 |
| <i>Lênin</i> - Diante do 4º Aniversário da Revolução de Outubro | 22 |
| <i>Trotsky</i> - O 12º aniversário de Outubro..... | 32 |

Apresentação

Seguindo a tradição de comemorar a Revolução Russa de 1917, o Partido Operário Revolucionário (POR) iniciou sua campanha, publicando no jornal *Massas* 674 os pronunciamentos de Trotsky “15 anos!” e “*Mensagem por rádio aos Estados Unidos*”. Nos dois números do jornal *Massas* seguintes, a campanha continuou divulgando os documentos “*Décimo Segundo Aniversário de Outubro*”, de Trotsky, e “*Nossa Revolução (A propósito das notas de N. Sujanov)*”, de Lênin. Com este folheto concluímos a campanha, realizando um ato-político em defesa das conquistas da revolução proletária. O Manifesto “*Viva os 105 anos da Revolução Russa*” abre o folheto, que será lido no ato-político de 6 de novembro.

Decidimos incorporar o Manifesto dos 104 anos, como parte do esforço do POR de manter no alto a bandeira da Revolução de Outubro, que acabou de vez com os restos da monarquia, expropriou a burguesia, estatizou os meios de produção e fundou a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS). Indicamos, também aqui, como referência, a importância do livro “*100 anos da Revolução Russa – Reconstruir o Partido Mundial da Revolução Socialista, a IV Internacional*”, publicado em setembro de 2017. Nesse livro, reunimos um abundante material sobre os aconte-

105 anos da Revolução Russa

cimentos e o processo revolucionários que potenciaram os soviets e o Partido Bolchevique, permitindo a constituição da aliança operária e camponesa, a condução da guerra civil para a tomada do poder e o estabelecimento do primeiro Estado operário triunfante.

Este folheto cumpre a função de expressar de forma prática o empenho sistemático do POR em assimilar as experiências e os ensinamentos da Revolução de Outubro. É necessário indicar as relações imperativas entre a revolução, a edificação da URSS e a sua derrocada pelas forças restauracionistas da contrarrevolução. O Manifesto dos 105 anos procura dar a dimensão do principal problema que se gestou sob o revisionismo estalinista e a burocratização do Estado operário, que levou ao esmagamento da democracia soviética, à perseguição brutal da Oposição de Esquerda dirigida por Trotsky, à dissolução da III Internacional e às condições adversas à luta pela afirmação organizativa da IV Internacional como Partido Mundial da Revolução Socialista.

Hoje, enfrentamos as consequências dos retrocessos históricos que se sintetizam no fenómeno da crise de direção, diante da qual se refletem a retomada em grande escala da desintegração do capitalismo após a segunda Guerra Mundial, a eclosão da guerra na Ucrânia e a necessidade dos explorados encarnarem o programa da revolução proletária, forjado na Revolução Russa.

Este folheto é mais um passo no trabalho diário e constante voltado a fortalecer a construção do Partido Operário Revolucionário, seção do Comitê de Enlace pela Reconstrução da IV Internacional.

Viva os 105 anos da Revolução Russa!

*2 de novembro de 2022
Pelo Comitê Central, Atilio de Castro*

Manifesto 105 anos da Revolução Russa

Viva os 105 anos da Revolução Russa!

A tomada do poder pela classe operária e a expropriação da burguesia iniciaram a transição para o socialismo, na época imperialista do capitalismo em decomposição. A derrocada da burguesia e a ascensão do proletariado expressaram concretamente as leis históricas de esgotamento do modo de produção e da necessidade de sua transformação.

O capitalismo é a última e a mais avançada sociedade de classes. As suas forças produtivas alcançaram um alto desenvolvimento depois de séculos de existência na forma capitalista, baseada na exploração do trabalho da grande maioria da população mundial por uma minoria que constitui a classe burguesa. Desde o despontar do capitalismo, o proletariado, na condição de esteio da produção social, encarnou a luta de classes contra a exploração do trabalho, a pobreza, a miséria e a fome. Eis por que se constituiu como a classe revolucionária capaz de lutar, não apenas em defesa das condições de existência da força de trabalho, como também, e principalmente, pela transformação histórica do capitalismo em comunismo, ou seja, em uma sociedade mundial sem classes.

Marx e Engels, na segunda metade do século XIX, compreenderam cientificamente as leis das transformações

históricas e estabeleceram a teoria, a concepção e o programa das revoluções proletárias, socialistas, como ponto de partida para um longo processo de superação da sociedade de classes. Reconheceram a necessidade da constituição dos partidos revolucionários. Empenharam-se em criar o primeiro partido rigorosamente constituído sobre a base de um programa e teoria capazes de potenciar a luta de classes em favor da maioria oprimida e criar as condições históricas para a derrocada do poder da burguesia.

O “Manifesto do Partido Comunista”, apesar de formulado há 174 anos, continua vigente no que corresponde às leis históricas das transformações, à concepção, ao método e aos objetivos fundamentais da luta do proletariado para alcançar a sociedade sem exploradores e explorados. Marx e Engels puderam participar da edificação da I Internacional e vivenciar a primeira revolução proletária, que emergiu na forma da Comuna de Paris. Há um entrelaçamento das experiências de construção da I Internacional - embrião de um Partido Mundial da Revolução Socialista - e a luta do proletariado pelo poder, que se concretizou nos combates que levaram à Comuna de Paris. Apesar da breve existência da Comuna e da impossibilidade de se manter a I Internacional, ambas as obras do proletariado estabeleceram um marco histórico do desenvolvimento da luta de classes e do programa da revolução socialista, substanciado pelo Manifesto do Partido Comunista.

Essa breve constatação e demonstração de que as premissas das revoluções proletárias foram reconhecidas e assentadas por Marx e Engels, quando ainda o capitalismo se encontrava na sua fase liberal e pré-monopolista, cumpre o objetivo, neste Manifesto dos 105 anos da Revolução Russa, de assinalar o vínculo dos acontecimentos de 25 de outubro de 1917, quando a classe operária tomou o poder na Rússia, com os antecedentes revolucionários da segunda metade do século XIX.

A Comuna de Paris se gestou em condições materiais e subjetivas pouco amadurecidas para se sustentar. Mas, deixou uma experiência valiosa para o desenvolvimento do

socialismo científico, que foi plenamente assimilado pelos revolucionários russos, tendo à frente Lênin, e que se tornou fundamental para a elaboração da concepção, do programa, do método e da tática, que permitiram ao proletariado impor à burguesia mundial e ao imperialismo a primeira revolução socialista vitoriosa. A organização e a democracia soviéticas, com a qual e sobre a qual o proletariado, em aliança com os camponeses, tomou o poder e fundou o Estado socialista expuseram as capacidades criadoras dos explorados, que emergem nas condições revolucionárias. Mas, também expuseram o quanto é necessário o partido para potenciar as capacidades criadoras das massas, combater os desvios dos adversários da revolução e utilizá-las para derrotar as forças da contrarrevolução.

Somente o partido marxista possui a teoria científica do Estado, cuja demonstração prática, necessária para a revolução socialista, pôde ser realizada por Marx e Engels, principalmente, diante da experiência da Comuna de Paris. Trata-se da estratégia programática da ditadura do proletariado e do método da guerra civil. As etapas e os elos do processo da revolução proletária na Rússia comprovam que, sem o partido que se guia pela aplicação do programa, não era possível tomar o poder no momento certo, conservá-lo diante da contrarrevolução e iniciar a reconstrução econômica sobre as novas bases sociais.

A revolução democrático-burguesa de fevereiro, que deu lugar ao governo provisório, se mostrou impotente, e, portanto, incapaz de resolver as tarefas democráticas da Rússia semifeudal e czarista. Tarefas como libertar os camponeses do servilismo, acabar com a opressão nacional e responder à Guerra Mundial com uma posição proletária, que há três anos arruinava a Europa e, em particular, a Rússia, somente puderam ser encarnadas pelo programa e pela ação revolucionária dos bolcheviques. As terras foram nacionalizadas, o direito de separação pacífica foi facultado aos povos oprimidos, a autodeterminação passou a ser aplicada e uma posição de paz sem anexação veio ao encontro da vontade e dos interesses dos explorados, dos

povos e das nações oprimidas.

O triunfo da Revolução de Outubro e a consolidação do poder proletário e camponês, sob a direção do partido bolchevique, deu lugar a uma das maiores conquistas da luta revolucionária pelo socialismo, que foi a edificação da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS), em 1922. A Guerra Mundial havia concluído e a guerra civil vencida em favor da revolução.

Com a criação da URSS, se rompia de vez um dos elos mais fracos da cadeia mundial do capitalismo, no dizer do próprio Lênin. Os objetivos de tomar o poder, expropriar a burguesia, estatizar e nacionalizar os meios de produção haviam sido alcançados. Mas, o mais difícil estava por vir: como desenvolver as relações socialistas de produção e distribuição, já que a revolução tão somente iniciava a transição do capitalismo ao socialismo, tendo em conta o fato de que a Rússia se mantinha em profundo atraso econômico e social em relação às potências imperialistas. Havia que reorganizar as relações econômicas e de classes, perseguindo o objetivo histórico da sociedade comunista. O que não poderia ser alcançado sem a revolução nos países adiantados, no caso mais próximo e viável, a revolução alemã. Uma vez derrotadas as revoluções de 1918 e de 1923, cresceriam as dificuldades internas e o imperialismo se encontraria em melhores condições para recrudescer o cerco à URSS.

As diretrizes econômico-sociais adotadas pelo poder soviético compareciam vitais, mas por si só eram limitadas e tendiam a entrar em contradição com a necessidade de superar o enorme peso do atraso da Rússia herdado pela revolução e pela URSS. Sem a presença e a direção de Lênin a partir de 1924, abriu-se o caminho para a constituição de uma casta burocrática no seio do Estado operário. O revisionismo estalinista do programa internacionalista do bolchevismo e da III Internacional se encarregaria de impulsionar as forças internas restauracionistas e abrir ao imperialismo as válvulas de pressão contra a existência da URSS. A Oposição de Esquerda, organizada e dirigida por

Trotsky, foi violentamente golpeada pela ditadura burocrática comandada por Stalin. No período de 1924 a 1940, o estalinismo e o leninismo-trotskismo travaram um combate de vida e morte em torno à contrarrevolução restauracionista e à continuidade da luta internacionalista pelo fortalecimento da URSS e da III Internacional e pelo avanço da revolução mundial. A construção da IV Internacional, diante da decomposição da III Internacional, se mostrou tão necessária quanto foi a constituição da III Internacional, diante da degeneração social-chovinista da II Internacional.

É nesse percurso de luta pela regeneração do Estado Operário, de defesa da URSS, de recuperação do partido bolchevique e de reorganização da III Internacional que marxismo-leninismo tem sua continuidade sob a direção de Trotsky. Não se pode desvincular, em hipótese alguma, a Revolução de Outubro do percurso contraditório e profundamente conflituoso de sua construção econômica e de transformação das relações de classe, bem como das várias etapas do cerco imperialista às conquistas da revolução, das traições e das derrotas catastróficas sofridas pelo proletariado mundial.

A URSS foi edificada nas condições da Primeira Guerra Mundial, atravessou a Segunda Guerra e veio a se desintegrar quarenta e seis anos após o seu fim, em dezembro de 1991. Foi sendo corroída gradativamente pelo processo de restauração, com avanços e recuos, até o momento em que a contrarrevolução assestou o golpe fatal, desmoronando os seus alicerces originados e erguidos pela Revolução de Outubro.

A recuperação pelo imperialismo do terreno perdido para a revolução russa em particular, e pelas demais revoluções proletárias em geral, é, no entanto, historicamente provisória. O capitalismo sobrevive mergulhado nas mais profundas contradições econômicas, sociais, culturais e morais, desde que entrou na sua fase última de desenvolvimento, que é a do imperialismo. Com todo seu avanço industrial, tecnológico e produtivo, não fez senão aumentar a polarização entre riqueza da minoria e pobreza e miséria

da maioria, entre um punhado de potências e o restante do mundo formado por países semicoloniais, atrasados e necessitados dos mais elementares progressos alcançados pelas forças produtivas capitalistas. Nenhuma das vitórias da burguesia contra as conquistas do proletariado poderá alterar a condição histórica de transição do capitalismo ao socialismo. Não poderá superar o fato de que a Revolução Russa iniciou a era das revoluções proletárias. Evidentemente, essa era de avanços e recuos nas transformações históricas está marcada pela fase última do desenvolvimento do capitalismo imperialista, que é de guerras, revoluções e contrarrevoluções.

A particularidade do presente momento se evidencia na contradição entre a profunda decomposição do capitalismo, o avanço da restauração capitalista, os retrocessos nas conquistas revolucionárias do proletariado e na profunda crise de direção. A liquidação da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas representa o que há de mais trágico no caminho da luta dos explorados por sua emancipação, pelo avanço da transição do capitalismo ao socialismo e pela construção da sociedade mundial sem classes, o comunismo. O fundamental dessa situação de regressão se encontra na crise de direção. A contrarrevolução estalinista liquidou o partido bolchevique, acabou com a III Internacional, promoveu inúmeras traições, contribuiu para a derrota das revoluções em curso, combateu à morte a IV Internacional e levou à destruição da URSS. Esse conjunto de experiência faz parte dos 105 anos da Revolução Russa. A luta da vanguarda com consciência de classe para resolver a crise de direção exige, portanto, que se estude, se assimile, se incorpore no programa e se aplique o que há de essencial no percurso das guerras, revoluções e contrarrevoluções.

Nesse exato momento, há oito meses se mantém uma guerra que devasta a Ucrânia, coloca o seu desmembramento e ameaça transbordar-se para um conflito mais generalizado. Não há como deixar de procurar suas raízes na avançada decomposição da ordem capitalista do

pós-Segunda Guerra Mundial, no processo de restauração capitalista que desmoronou a URSS e nas necessidades imperiosas dos Estados Unidos manterem a sua absoluta hegemonia. Não por acaso, o imperialismo norte-americano ameaça desencadear um confronto militar justamente contra a Rússia e a China, que deram lugar as duas mais importantes revoluções proletárias do século passado. A guerra na Ucrânia indica concretamente esse caminho.

O Comitê de Enlace pela Reconstrução da IV Internacional (CERQUI) vem alertando para esse perigo, que lembra situações de pré-guerra mundial. É nessas condições que a Revolução de Outubro de 1917 vem à tona como a mais avançada trincheira do proletariado mundial, em sua luta contra a barbárie capitalista e pela sociedade sem classes, o comunismo. É nessas condições que vem à tona a URSS, que deu os primeiros passos em favor da libertação dos povos oprimidos e do real direito à autodeterminação. É nessas condições que vem à tona a democracia mais avançadas que a história já conheceu, que é a soviética. É nessas condições que vem à tona a luta de classes do proletariado para realizar a transição do capitalismo ao socialismo. É nessas condições que vem à tona o programa internacionalista das revoluções proletárias. É nessas condições que vem à tona a estratégia da Revolução Russa e do partido marxista-leninista-trotskista de luta unificada do proletariado pelos Estados Unidos Socialistas da Europa e do Mundo.

É nesse sentido que o Partido Operário Revolucionário, mais uma vez, entre tantas, comemora o aniversário da Revolução Russa, como parte da luta cotidiana pela superação da crise de direção.

Viva os 105 anos da Revolução de Outubro de 1917!

Lutemos pela reconstrução do Partido Mundial da Revolução Socialista, a IV Internacional!

Manifesto do POR

104 anos da Revolução Russa

Mais de um século de luta pela revolução mundial

24 de outubro de 2021

O aniversário da Revolução de Outubro de 1917 tem uma imortal importância para a luta do proletariado mundial, por sua emancipação e de todos os oprimidos. O POR se esforça ao máximo para assimilar, defender e pôr em prática seus ensinamentos e suas conquistas.

A derrubada da burguesia e de seus aliados monárquicos do poder, a expropriação da propriedade privada dos meios de produção, a nacionalização das terras, a implantação do monopólio do comércio exterior, a abolição do fim da opressão nacional, a garantia do direito à autodeterminação dos povos oprimidos, a erradicação da discriminação da mulher e a luta pelo fim da guerra imperialista, sem partilhas e anexações, romperam a dominação de classe da minoria sobre a maioria, e deram início à solução das tarefas democráticas burguesas na Rússia semifeudal. A revolução de Outubro, assim, destruiu um dos elos da cadeia mundial de dominação da época do capitalismo imperialista.

O rompimento das cadeias de opressão sobre as massas internas à Rússia, que vinham do feudalismo decadente e do capitalismo, que tardiamente se desenvolvia, resultou da transformação da revolução democrático-burguesa em revolução proletária, socialista. Eis por que a revolução triunfante rompeu um dos elos da cadeia mundial do capitalismo.

Os levantes operários e camponeses, iniciados em 1905, interrompidos pela brutal repressão czarista, a sua retomada em 1912, a revolução democrática em fevereiro de 1917 e, finalmente, a insurreição armada das massas em Outubro, contra o poder burguês, contaram com a perseverante luta dos marxistas bolcheviques, liderados por Lênin. Nesse combate, marcado por derrotas e vitórias, os explorados russos criaram uma organização própria, que foram os soviets (conselhos) de operários e camponeses.

A organização independente conquistada na luta de classes; a capacidade dos bolcheviques, de compreenderem o curso da revolução em meio à guerra imperialista; a aliança operária e camponesa, que se soldou sob a orientação de bolchevismo; e a derrota programática, política e ideológica das direções pequeno-burguesas, reuniram as condições históricas para que os senhores feudais e a burguesia fossem varridos do poder, e perdessem o domínio sobre os meios de produção.

A burguesia internacional não teve como destruir o embrião da revolução social, que germinou na Rússia nas condições de destruição da 1ª Guerra Mundial. Na Europa, onde se concentrou a conflagração, desenvolveram-se as tendências e as possibilidades da revolução proletária. Não foram apenas as particularidades da Rússia que favoreceram a revolução, mas, sobretudo, a luta dos bolcheviques, por transformar a classe operária em dirigente da maioria oprimida. Na Alemanha, a contrarrevolução venceu, devido, em grande medida, à degeneração do partido socialdemocrata, tomado pelo revisionismo do marxismo,

e subordinado à política de guerra do imperialismo. A Revolução de Outubro abriu a era das revoluções proletárias e da transição do capitalismo ao comunismo. As derrotas sofridas pelo proletariado tão somente indicaram o longo percurso histórico da luta de classes, voltada à transformação da propriedade privada dos meios de produção em propriedade social.

A vitória do proletariado na Rússia expressou o amadurecimento das condições objetivas do capitalismo, que adentrava na sua fase última de desenvolvimento das forças produtivas, que é a imperialista. Na fase liberal anterior, momento em que o socialismo passava de sua forma utópica para a científica, Marx e Engels elaboraram a teoria e o programa revolucionários, e identificaram a tomada do poder pelo proletariado parisiense, portanto, a Comuna de Paris de 1871, como uma primeira experiência que abria inevitavelmente caminho a outras. A sua rápida derrota não impediu que Marx e Engels fizessem um rigoroso balanço crítico, por meio do qual se revelaram a fraqueza e a fortaleza da revolução. Balanço esse que se incorporou na concepção, teoria e programa da revolução proletária, no socialismo científico. Os revolucionários russos, tendo principalmente Lênin à frente, se guiaram pelas experiências e conclusões de ordem histórica, que indicavam que o proletariado, não só avançava no sentido da luta pelo poder, mas também na instauração de sua ditadura de classe – a ditadura do proletariado. Todos os adversários do bolchevismo, em suas diversas variantes de reformismo, oportunismo e sectarismo, se distanciaram e atacaram a doutrina marxista da revolução e ditadura proletárias. Alinharam-se, antes da revolução, em defesa da democracia pequeno-burguesa e burguesa, contra o levante armado e a tomada do poder. Posteriormente, se tornaram ferozes inimigos da ditadura do proletariado e de seus métodos de construção econômica, exigidos pelas condições particulares da Rússia, arrasada pela guerra. Ao se oporem ao curso da revolução que levava à ditadura do proleta-

riado, todos aqueles que passaram a renegar o marxismo, ou que já eram seus adversários, se tornaram serviçais do imperialismo. Assim, a revolução em um dos países mais atrasados da Europa, do ponto de vista capitalista, sobreviveu ao cerco das potências e às forças restauracionistas internas, por um período de 74 anos, se considerarmos o ano de 1991 como o momento em que a burocracia estalinista decidiu pela dissolução da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS).

Esse longo percurso foi inteiramente acidentado e marcado por lutas internas e externas. O período que vai, da crise revolucionária de 1897-1903, passando pela revolução de 1905, desembocando nas revoluções de fevereiro e outubro de 1917, até a morte de Lênin – com seus altos e baixos, e ritmos diferenciados –, foi de ascensão e auge do bolchevismo, ou seja, do marxismo-leninismo. A fase posterior a 1924 se caracterizou pela divisão no interior da direção do partido e em suas fileiras, entre a fração majoritária, liderada por Stalin, e a Oposição de Esquerda Russa, constituída por Trotsky. Lênin previu que esse era o grande perigo, e deixou em suas últimas cartas ao Comitê Central a recomendação de mudança na composição da direção, que deveria ser acrescida de maior número de operários avançados, reduzir o poder do Secretário Geral, ou até mesmo substituir Stalin por outro dirigente. O problema da burocratização do partido já vinha sendo discutido, principalmente desde o X Congresso, diante do qual Lênin identificava o baixo controle da classe operária sobre o comando do Estado, e, portanto, sobre o próprio partido. As condições da economia e das relações do Estado operário com as massas camponesas, bem como o atraso da revolução mundial, favoreceram a fração de Stalin, que, desde o início, expressava poderosas tendências à burocratização. A expulsão de Trotsky do Comitê Central, seu confinamento e, finalmente, sua expulsão da URSS consolidaram o monolitismo burocrático e revisionista do leninismo. A degeneração interna ao Partido Comunista

da Rússia se refletiu na III Internacional, que deixou de funcionar como Partido Mundial.

A retomada da crise geral do capitalismo, a partir de 1929, a ascensão do fascismo, e a eclosão da 2ª Guerra Mundial, foram o teste decisivo para a direção estalinista do Estado Operário, que já se encontrava desfigurado pela burocratização e pela fórmula nacionalista, da possibilidade de construir o “socialismo em um só país”. A virada da política de Stalin, de um acordo com o imperialismo alemão, para uma aliança com o imperialismo norte-americano e inglês, não modificou a essência do revisionismo da concepção, programa e tática, estabelecidos por Lênin sobre a guerra imperialista, e a sua aplicação na 1ª Guerra Mundial. A paz de Potsdam resultou em uma nova partilha do mundo, sob a égide da potência emergente, os Estados Unidos, que, dias depois, fez o experimento mais terrível e genocida da 2ª Guerra, soltando as bombas nucleares sobre Hiroshima e Nagasaki. A aliança do Estado Operário burocratizado com as democracias imperialistas levou os partidos comunistas, do mundo todo, a se subordinarem à política de guerra dos governos considerados antifascistas e democráticos. De maneira que não foram capazes de se apoiar nas teses leninistas sobre a guerra imperialista. A III Internacional teve como única função orientar as suas seções a colaborarem com os aliados de cada país, e evitarem a potenciação da luta de classes. Nessas condições de capitulação, a III Internacional foi dissolvida, em 1943. A Oposição de Esquerda Internacional e a IV Internacional se contrapuseram frontalmente à diretriz estalinista das alianças, na guerra, com o imperialismo. Trotsky aplicou rigorosamente a orientação de Lênin. A fraqueza organizativa da IV Internacional, que não teve tempo e condições para penetrar no proletariado, dificultou e inviabilizou a projeção prática da luta revolucionária, por transformar a guerra imperialista em guerra civil, e defender a paz sem anexações. O que pôde fazer foi preservar e fortalecer o programa da revolução mundial.

É imprescindível à luta do proletariado por sua emancipação e ao trabalho revolucionário da vanguarda com consciência de classe, compreender, assimilar e aplicar as lições da revolução de 25 de outubro de 1917, nas condições atuais de desintegração do capitalismo e avanço da barbárie. É parte dessa tarefa compreender, assimilar e aplicar as lições do processo de degeneração da revolução, e a conseqüente restauração capitalista. Essas duas tarefas estão indissolúvelmente interligadas. Em sua base, está o conjunto de formulações deixado por Lênin, e materializado na história do bolchevismo, como dirigente da revolução e da constituição da III Internacional. Ao lado de Lênin, se encontra Trotsky. As falsificações estalinistas procuraram diminuir seu lugar de dirigente na revolução. Evidentemente, as contribuições teóricas e programáticas ao marxismo-leninismo se avolumaram e se adensaram, com a resistência da Oposição de Esquerda, e com a fundação da IV Internacional, à degeneração burocrática do partido comunista russo, da ditadura do proletariado e da III Internacional. Em grande medida, Trotsky teve de se dedicar à análise e crítica do fenômeno do termidor estalinista, para defender as conquistas do proletariado russo e mundial do processo de restauração capitalista. O que só foi possível aplicando o leninismo, que é o marxismo da época imperialista, de guerras, revoluções e contrarrevoluções.

É necessário rejeitar as comemorações formais do aniversário da revolução de Outubro, que, como tais, desvinculam a revolução da restauração, a ruptura do estalinismo com o leninismo, o vínculo do trotskismo com o leninismo, e que não expressam a luta do dia-a-dia, pela superação da crise mundial de direção.

O POR consolidou a tradição de aprender com as revoluções, principalmente a Russa, tanto por abrir o curso das revoluções proletárias na fase imperialista do capitalismo, quanto por desenvolver a ciência do proletariado, o socialismo científico. Os reformistas auxiliam a burgue-

sia mundial a evitar que o marxismo-leninismo-trotskyismo reconquiste, entre o proletariado, o lugar alcançado na Revolução Russa, e na edificação da III Internacional dos seus Quatro Primeiros Congressos. Reconquista que depende da construção dos partidos leninistas, como parte do objetivo de reconstruir o Partido Mundial da Revolução Socialista, a IV Internacional. A esquerda centrista se afasta, cada vez mais, do marxismo-leninismo-trotskyismo. São sintomas contraditórios da crise de direção, e da tendência objetiva do proletariado de procurar a via da revolução social.

Estamos a pouco mais de um século da Revolução de Outubro, e a trinta anos da desintegração da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas. O capitalismo se recompôs, depois da 2ª Guerra Mundial. O imperialismo conseguiu isolar as revoluções do período, sendo, a mais importante, a Revolução Chinesa. Durante todo esse tempo, prevaleceu a caracterização marxista do imperialismo, como época de desintegração do capitalismo e de barbárie social. Em nenhum momento, prevaleceu o pacifismo. A ilusão sobre democracias pujantes se desfaz no dia-a-dia do fortalecimento do militarismo e dos Estados policiais. A farsa da nova ordem mundial cooperativa se desmancha, diante do recrudescimento da opressão nacional sobre a maioria dos povos. A guerra comercial voltou a ganhar novas dimensões nos últimos tempos, potenciada pelo processo de restauração capitalista na China. O fantasma do fascismo vem ganhando materialidade na Europa e Estados Unidos. Os governos de ultradireita, nos países de economia atrasada e semicoloniais, substituem os de centro-esquerda, ou estes são arrastados para a posição direitista. A projeção dos militares na política burguesa, depois de terem um lugar de destaque, com o ciclo das ditaduras militares na América Latina, está na ordem do dia. Ergueram-se às alturas o desemprego, subemprego, miséria e fome entre as massas.

Esse quadro de desintegração econômica, social e política do capitalismo mundial é consequência do choque entre as forças produtivas altamente desenvolvidas e as relações capitalistas de produção, sob a forma monopolista e do parasitismo financeiro. Essa contradição esteve na base da 1^a e 2^a guerras mundiais. E também do processo de restauração capitalista e destruição das mais avançadas conquistas da humanidade, obtidas pelas revoluções proletárias. A Pandemia, que sobressaltou e ainda sobressalta o mundo, a incapacidade da burguesia de defender a maioria oprimida, e a sobreposição dos interesses do poder econômico sobre a vida dos explorados. Em meio ao flagelo internacional, veio à tona a necessidade da vanguarda com consciência de classe, de lutar firmemente pela superação da crise de direção. Todas as forças políticas vinculadas à classe operária, aos sindicatos e aos movimentos terão de prestar contas de sua passividade e de sua colaboração, com esta ou aquela fração da burguesia, com este ou aquele governo.

O POR aproveita a comemoração dos 104 da Revolução Russa para melhor compreender as formulações de Lênin, os passos dados na transição do capitalismo ao socialismo, e a interrupção provocada, sobretudo, pela revisão estalinista do internacionalismo proletário. Aproveita para fazer um chamado à vanguarda com consciência de classe, a se enfileirar em torno ao partido marxista-leninista-trotskyista, e à tarefa urgente de reconstruir o Partido Mundial da Revolução Socialista.

Viva os 104 anos da Revolução Russa!

***Reconstruir o Partido Mundial da Revolução Socialista,
a IV Internacional***

Diante do 4º Aniversário da Revolução de Outubro

Lênin, 14 de outubro de 1921

Aproxima-se o quarto aniversário de 25 de outubro (7 de novembro).

Quanto mais se afasta de nós esta grande jornada, mais claro se torna o significado da revolução proletária na Rússia e mais profundamente refletimos também sobre a experiência prática do nosso trabalho, tomada no seu conjunto.

Esse significado e essa experiência poderiam expor-se muito brevemente - e, naturalmente, de forma muito incompleta e imprecisa - da seguinte maneira.

A tarefa imediata e direta da revolução na Rússia era uma tarefa democrático-burguesa: derrubar os restos do medievalismo, varrê-los definitivamente, limpar a Rússia dessa barbárie, dessa vergonha, desse enorme entrave para toda a cultura e todo o progresso de nosso país. Orgulhamo-nos justamente de ter feito essa limpeza com muito mais decisão, rapidez, audácia, êxito, amplitude e profundidade, do ponto de vista da influência sobre as massas do povo, sobre o grosso dessas massas, do que a grande revolução francesa, ocorrida há mais de 125 anos.

Tanto os anarquistas como os democratas pequeno-burgueses (isto é, os mencheviques e os socialistas-revolucionários, como representantes russos deste tipo social internacional) disseram e dizem uma incrível quantidade de ideias confusas sobre a questão da relação entre a revolução democrático-burguesa e a socialista (isto é, proletária). Os quatro últimos anos confirmaram plenamente a justeza de nossa interpretação do marxismo sobre este ponto, do nosso modo de aproveitar a experiência das revoluções anteriores. Levamos, como ninguém, a revolução democrático-burguesa até o fim. De modo perfeitamente consciente, firme e inflexível, avançamos para a revolução socialista, sabendo que ela não está separada da revolução democrático-burguesa por uma muralha da China, sabendo que só a luta decidirá em que medida conseguiremos (em última análise) avançar, que parte da nossa tarefa infinitamente grande cumprimos, que parte das nossas vitórias consolidaremos. O tempo o dirá. Mas vemos, já agora, que fizemos uma obra gigantesca - levando em conta que se trata de um país arruinado e atrasado - na transformação socialista da sociedade.

Mas terminemos com o que se refere ao conteúdo democrático-burguês da nossa revolução. Os marxistas devem compreender o que isto significa. Para explicá-lo, tomemos alguns exemplos eloquentes.

O conteúdo democrático-burguês da revolução significa depuração das relações (ordem, instituições) sociais de um país marcado pelo medievalismo, servidão, feudalismo.

Quais eram as principais manifestações, sobrevivências e vestígios do regime de servidão na Rússia até 1917? A monarquia, os estamentos, a propriedade latifundiária e o usufruto da terra, a situação da mulher, a religião, a opressão das nacionalidades. Tomem qualquer destes “estátulos de Augias” - que, diga-se de passagem, deixaram em grande parte sem limpar todos os Estados avançados ao levar a cabo suas revoluções democrático-burguesas, há 125, 250 ou mais anos (Inglaterra em 1649) -, tomem

qualquer destes “estábulo de Augias”, e verão que limpamos a fundo. Em cerca de dez semanas, de 25 de outubro (7 de novembro) de 1917 até a dissolução da Constituinte (5 de janeiro de 1918), fizemos neste terreno mil vezes mais do que os liberais e os democratas burgueses (Kadetes), e os democratas pequeno-burgueses (mencheviques e socialistas revolucionários), durante os oito meses que estiveram no poder.

Esses covardes, charlatões, narcisistas inveterados e pequenos Hamlets brandiam uma espada de papelão, e nem sequer destruíram a monarquia! Nós pusemos para fora todo o lixo monárquico como ninguém o fez. Não deixamos pedra sobre pedra, tijolo sobre tijolo no edifício secular do sistema estamental (os países mais avançados, como a Inglaterra, a França e a Alemanha não se desembaraçaram ainda dos vestígios desse sistema!). Arrancamos definitivamente as raízes mais profundas do sistema estamental, a saber: os restos do feudalismo e da servidão na propriedade da terra. «Pode discutir-se» (no estrangeiro há muitos literatos, democratas-constitucionalistas, mencheviques e socialistas revolucionários, para se dedicarem a essas discussões) o que resultará «ao fim e ao cabo» das transformações agrárias da Grande Revolução de Outubro. Não estamos dispostos a perder tempo com essas discussões, porque é pela luta que resolvemos esta discussão e toda a quantidade de discussões que dela derivam. Mas o que não se pode contestar é o fato de que os democratas pequeno-burgueses estiveram oito meses “entendendo-se” com os latifundiários, que conservavam as tradições da servidão, enquanto nós, em algumas semanas, varremos por completo da face da terra russa esses latifundiários e todas as suas tradições.

Tomai a religião, ou a falta de direitos da mulher, ou a opressão e a desigualdade de direitos das nacionalidades não russas. Tudo isso são questões da revolução democrático-burguesa. Os democratas pequeno-burgueses vulgares passaram oito meses falando disso; não há nem

um dos países mais avançados do mundo onde estas questões tenham sido resolvidas até o fim, no sentido democrático-burguês. Em nosso país, a legislação da Revolução de Outubro resolveu-os até o fim. Lutamos e continuamos a lutar seriamente contra a religião. Demos a todas as nacionalidades não russas as suas próprias repúblicas ou regiões autónomas. Na Rússia, não existe já essa vileza, essa infâmia e ignomínia, que é a falta de direitos ou a restrição dos direitos da mulher, sobrevivência indigna da servidão e do medievalismo, renovada em todos os países do globo terrestre, sem uma só exceção, pela burguesia egoísta e pela pequena-burguesia obtusa e assustada.

Tudo isto é o conteúdo da revolução democrático-burguesa. Há cento e cinquenta ou duzentos e cinquenta anos os dirigentes mais avançados dessa revolução (ou dessas revoluções, se falarmos de cada variedade nacional em relação ao tipo geral) prometeram aos povos libertar a humanidade dos privilégios medievais, da desigualdade da mulher, das vantagens concedidas pelo Estado a uma ou outra religião (ou à “ideia de religião”, à “religiosidade” em geral), da desigualdade de direitos das nacionalidades. Prometeram, mas não cumpriram. E não podiam cumprir, porque os impedia o “respeito” . . . pela “sagrada propriedade privada”. Na nossa revolução proletária, não houve esse maldito “respeito” por esse maldito medievalismo e por essa “sagrada propriedade privada».

Mas, para consolidar aos povos da Rússia as conquistas da revolução democrático-burguesa, nós devíamos ir mais longe, e fomos. Resolvemos as questões da revolução democrático-burguesa de passagem, como um “subproduto” do nosso trabalho principal e verdadeiro, proletário, revolucionário, socialista. Sempre dissemos que as reformas são um subproduto da luta revolucionária de classe. As transformações democrático-burguesas - dissemos, e demonstramos com factos - são um suproduto da revolução proletária, isto é, socialista. Afirmamos de passagem que todos os Kautskys, os Hilferdings, os Martovs, os Tchernov-

vs, os Hillquits, os Longuets, os MacDonalds, os Turatis e outros heróis desse marxismo da “II 1/2” não souberam compreender a relação entre a revolução democrático-burguesa e a revolução proletária socialista. A primeira transforma-se na segunda. A segunda resolve de passagem os problemas da primeira. A segunda consolida a obra da primeira. A luta, e só a luta, determina até que ponto a segunda consegue ultrapassar a primeira.

O regime soviético é precisamente uma das confirmações, ou manifestações, evidentes dessa transformação de uma revolução em outra. O regime soviético é o máximo de democracia para os operários e os camponeses e, ao mesmo tempo, a ruptura com a democracia burguesa e o surgimento de um novo tipo de democracia de importância histórica mundial: a democracia proletária ou ditadura do proletariado.

Deixem que os canalhas e vilões da moribunda burguesia e da democracia pequeno-burguesa que se arrasta atrás dela nos cubram de maldições, de injúrias e de escárnios pelos insucessos e erros que cometemos ao construir o nosso regime soviético. Nem por um momento, esqueçamos que cometemos e ainda estamos cometendo inúmeros erros, e sofremos muitos reveses. E como haveríamos de evitar os erros e reveses em uma obra tão nova, nova para toda a história mundial, como é a criação de um novo tipo de regime estatal ainda desconhecido! Lutaremos sem descanso para corrigir os erros e superar os reveses, para melhorar a forma como aplicamos os princípios soviéticos, que está ainda longe, muito longe, de ser perfeita. Mas temos o direito de nos orgulhar, e nos orgulhamos de ter a felicidade de iniciar a construção do Estado Soviético, de iniciar assim uma nova época da história universal, a época do domínio de uma nova classe, oprimida em todos os países capitalistas, e que avança em toda a parte para uma vida nova, para a vitória sobre a burguesia, para a ditadura do proletariado, para a libertação da humanidade do jugo do capital e das guerras imperialistas.

A questão das guerras imperialistas, da política internacional do capital financeiro, política que hoje domina em todo o mundo e que gera inevitavelmente novas guerras imperialistas, que gera inevitavelmente uma intensificação sem precedentes do jugo nacional, da pilhagem, da exploração, do estrangulamento das pequenas nacionalidades, fracas e atrasadas, por um punhado de potências “avançadas”, é uma questão que desde 1914 se tornou a pedra angular de toda a política em todos os países do globo terrestre. É uma questão de vida ou de morte para dezenas de milhões de pessoas. Trata-se da questão de saber se na próxima guerra imperialista, que a burguesia prepara diante dos nossos olhos, que vai surgindo do capitalismo diante dos nossos olhos, morrerão vinte milhões de homens (em vez dos dez milhões que morreram na guerra de 1914-1918 e nas “pequenas” guerras que vieram a completá-la, e que ainda não terminaram), de saber se nessa futura guerra inevitável (se o capitalismo se mantiver) ficarão mutilados 60 milhões de pessoas (em vez dos 30 milhões de mutilados de 1914-1918). Também nesta questão a nossa Revolução de Outubro abriu uma nova época da história universal. Os lacaios da burguesia e os seus bajuladores - os socialistas revolucionários e mencheviques -, bem como toda a democracia pequeno-burguesa pretensamente “socialista” de todo o mundo, zombam da palavra de ordem de “transformação da guerra imperialista em guerra civil”. Mas essa palavra de ordem revelou-se a única verdade - desagradável, brutal, nua e cruel, certamente -, a única verdade em contraste diante de uma grande quantidade das mais sutis mentiras chauvinistas e pacifistas. Essas mentiras vão desmoronando-se. A paz de Brest foi desmascarada. A cada dia, desmascaram-se mais implacavelmente o significado e as consequências de uma paz ainda pior que a de Brest, a Paz de Versalhes. Fica cada vez mais nítida e inquestionável, para milhões de pessoas que pensam acerca das causas da recente guerra e da que se aproxima, a monstruosa e inexorável verdade: não é possí-

vel escapar da guerra imperialista, nem da paz imperialista (se usássemos ainda a antiga ortografia, eu empregaria a palavra “mir” em suas duas acepções) (1), a qual engendra inevitavelmente a guerra imperialista; não é possível escapar desse inferno de outra maneira que não seja o da luta bolchevique, e por meio da revolução bolchevique.

Deixemos que a burguesia e os pacifistas, os generais, os pequenos burgueses, os capitalistas e os filisteus, todos os cristãos crentes e todos os cavalheiros das Internacionais II e II 1/2 insultem furiosamente a revolução. Nenhuma torrente de injúria, calúnias e mentiras poderá ocultar o fato histórico universal de que, pela primeira vez, desde há séculos e milênios, os escravos responderam à guerra entre escravistas proclamando abertamente esta palavra de ordem: transformemos essa guerra entre escravistas pela partilha do saque em uma guerra dos escravos de todas as nações contra os escravistas de todas as nações.

Pela primeira vez, depois de séculos e milênios, esta palavra de ordem transformou-se de esperança vaga e impotente em um programa político claro e preciso, em uma luta efetiva de milhões de oprimidos sob a direção do proletariado; transformou-se na primeira vitória do proletariado, na primeira vitória da luta pelo fim das guerras, e pela união dos operários de todos os países contra a aliança da burguesia das diversas nações, contra a burguesia que faz a paz e a guerra à custa dos escravos do capital, à custa dos operários assalariados, à custa dos camponeses, à custa dos operários, dos camponeses, dos trabalhadores.

Esta primeira vitória não é ainda a vitória definitiva. Nossa Revolução de Outubro alcançou-a com privações e dificuldades inauditas, com sofrimentos sem precedentes, com uma série de muitos reveses e graves erros de nossa parte. Como poderia um povo atrasado conseguir impedir sem reveses e erros as guerras imperialistas dos países mais poderosos e avançados do globo terrestre? Não rechemos reconhecer os nossos erros e os encaramos serena-

mente para aprender e corrigi-los. Mas os fatos continuam a ser fatos: pela primeira vez, depois de séculos e milênios, a promessa de “responder” à guerra entre escravistas com a revolução dos escravos contra toda a espécie de escravistas foi cumprida até ao fim, e se está cumprindo, apesar de todas as dificuldades.

Nós começámos esta obra. Pouco importa saber quando precisamente, em que data e em que momento os proletários de qual nação culminarão esta obra - é uma questão não essencial. O essencial é que se quebrou o gelo, que se abriu caminho, que se indicou a via.

Continuem com sua hipocrisia, senhores capitalistas de todos os países, que “defendam a pátria”, a pátria japonesa da americana, a americana da japonesa, a francesa da inglesa, etc! Continuem a “escamotear” a questão dos meios de luta contra as guerras imperialistas com novos “manifestos de Basileia” (segundo o modelo do Manifesto de Basileia, de 1912), senhores cavaleiros das Internacionais II e II 1/2 e todos os pequenos burgueses e filisteus pacifistas de todo o mundo! A primeira revolução bolchevique tirado da guerra imperialista, do mundo imperialista, a primeira centena de milhões de homens da terra. As revoluções seguintes livrarão dessas guerras e desse mundo toda a humanidade.

A última tarefa - e a mais importante, e a mais difícil e a menos acabada - é a construção econômica, o lançamento dos alicerces econômicos do edifício novo, socialista, em lugar do edifício feudal destruído e do edifício capitalista semidestruído. É nessa tarefa, a mais importante e a mais difícil, que temos sofrido mais reveses e cometido mais erros. Como se poderia começar sem reveses e sem erros uma obra tão nova para todo o mundo? Mas a começamos, e a continuaremos. Precisamente agora, com a nossa «nova política econômica», corrigimos toda uma série de nossos erros e aprendemos a prosseguir, sem esses erros, a construção do edifício socialista em um país de pequenos camponeses.

As dificuldades são imensas. Estamos habituados a lutar contra dificuldades imensas. Por alguma razão, os nossos inimigos nos consideram “firmes como a rocha”, e representantes de uma política de inflexível. Aprendemos também - pelo menos aprendemos até certo ponto - outra arte necessária na revolução: a flexibilidade, saber mudar de tática rápida e bruscamente, partindo das mudanças verificadas nas condições objetivas, e escolhendo outro caminho para os nossos objetivos, se o caminho anterior se revelou inconveniente ou impossível para um período de tempo determinado.

Contávamos, levados por uma onda de entusiasmo, depois de despertar no povo um entusiasmo a princípio político e depois militar, contávamos realizar diretamente, na base desse entusiasmo, tarefas económicas tão grandes (como as políticas, como as militares). Contávamos - ou talvez seja mais justo dizer: supúnhamos, sem ter calculado o suficiente - que, com imposições diretas do Estado proletário, poderíamos organizar de maneira comunista, em um país de pequenos camponeses, a produção estatal e a distribuição estatal, dos produtos. A experiência mostrou o nosso erro, nos fez ver que são necessárias uma série de etapas de transição; o capitalismo de Estado e o socialismo, para preparar - preparar com o trabalho de longos anos - a passagem ao comunismo. Não diretamente na base do entusiasmo, mas com a ajuda do entusiasmo, entusiasmo gerado pela grande revolução, na base do interesse pessoal, na base do incentivo pessoal, na base do cálculo económico, devemos começar a construir primeiro sólidas pontes, que conduzam, em um país de pequenos camponeses, ao socialismo, passando do capitalismo de Estado ao socialismo. De outro modo, não chegaremos jamais ao comunismo, de outro modo não levaremos o comunismo a dezenas e dezenas de milhões de seres humanos. Eis o que nos ensinou a experiência, e o curso objetivo do desenvolvimento da revolução.

E nós que, em três ou quatro anos, aprendemos um pouco a fazer mudanças bruscas (quando se exige uma

mudança brusca), pusemo-nos com zelo, atenção e afinco (embora ainda com insuficiente zelo, insuficiente atenção e insuficiente afinco) a estudar uma nova mudança, a “nova política econômica”. O Estado proletário deve tornar-se um “patrão” prudente, diligente e hábil, um bom comerciante majoritário - de outro modo não se pode pôr economicamente de pé um país de pequenos camponeses; nas condições atuais, vivendo ao lado do Ocidente capitalista (ainda capitalista), não há outro caminho para o comunismo. O comerciante majoritário nos parece um protótipo econômico tão afastado do comunismo como o céu da terra. Mas, esta é precisamente uma das contradições que, na vida real, conduzem da pequena exploração camponesa ao socialismo, por meio do capitalismo de Estado. O incentivo pessoal eleva a produção; nós necessitamos, antes de mais nada e a todo o custo, de aumentar a produção. O comércio une economicamente milhões de pequenos camponeses, incentivando-os, ligando-os, conduzindo-os à etapa seguinte: às diversas formas de ligação e de união na própria produção. Iniciamos já a necessária transformação de nossa política econômica. Neste novo campo de “aprendizagem”, estamos concluindo nosso curso preparatório. Se estudamos com firmeza e perseverança, e comprovamos por meio da experiência prática cada um dos nossos passos, se não tememos modificar, uma e outra vez, o que começamos, nem corrigir os nossos erros, e se analisamos mais atentamente o seu significado, passaremos para o curso superior. Terminaremos todo o “curso”, ainda que a situação atual da economia e da política mundiais a tenham tornado muito mais longo e difícil do que nós tínhamos desejado. Custe o que custar, por muito penoso que sejam os sofrimentos da época de transição, apesae das calamidades, da fome, da ruína, não nos deixaremos abater e levaremos a nossa obra até a vitoriosa final.

Lênin, 18 de outubro de 1921 - (Extraído das Obras Completas, Lênin, tomo XXXV, Akal Editor)

O 12º aniversário de Outubro

Leon Trotsky, 17 de outubro de 1929

O 12º aniversário encontra a República Soviética em uma situação em que os notáveis progressos se combinam com as mais graves dificuldades, e tanto uns como outros continuam avançando. Esta é a característica fundamental da situação e seu principal enigma.

A indústria avançou e continua trazendo conquistas sem precedentes sob o capitalismo. Muito menos significativo, mas também evidente, é o progresso agrícola desses últimos anos. Por sua vez, observamos um paradoxo absoluto; no mercado há uma severa escassez de mercadorias, que, apesar dos êxitos econômicos, persiste ano a ano e em determinados períodos se agudiza ao extremo. Apesar do rápido crescimento da indústria, faltam artigos manufaturados mais necessários. Mas o que é especialmente crítico e intolerável é a escassez de produtos agrícolas, embora o país seja predominantemente camponês.

O que significam essas contradições? Devem-se a dois tipos de razões.

As causas fundamentais estão na situação objetiva de um país economicamente atrasado que, devido à dialética histórica, acabou sendo o primeiro a chegar à ditadura do proletariado e à construção socialista. As causas secun-

dárias residem na política errônea da direção, que cede às influências pequeno-burguesas e aplica uma política cuja função consiste em satisfazer unicamente às necessidades imediatas, e que é incapaz de compreender as circunstâncias no momento necessário e de aproveitar ao máximo os recursos econômicos e políticos da ditadura.

O Estado Soviético não paga juros sobre velhas dívidas. Virtualmente, tampouco paga compensações à nobreza, aos banqueiros, aos proprietários de fábricas, etc. Estas duas condições, especialmente a segunda, geram por si mesmas um grande capital para a industrialização do país.

O Estado operário, ao unificar a administração da indústria e do transporte -condição necessária para a economia planificada -, abriu possibilidades inesgotáveis para a livre utilização da energia e seus recursos, isto é para a aceleração do crescimento econômico do País.

Essas são as enormes *conquistas* da Revolução de Outubro. As *desvantagens* -não da revolução em si mas das condições nas quais esta ocorreu -são as seguintes: o baixo nível de desenvolvimento capitalista da Rússia czarista, o caráter fragmentado e extremamente atrasado da economia camponesa, o baixo nível cultural das massas populares e, finalmente, o isolamento da república soviética, rodeada por um mundo capitalista infinitamente mais rico e poderoso.

A necessidade de investir bilhões de rubros anuais no exército e na armada não é senão consequência mais imediata e evidente do entorno capitalista inimigo.

Outra consequência é o monopólio do comércio exterior, tão necessário para a república soviética como para o exército e a armada. A abolição, ou inclusive a debilidade, do monopólio do comércio exterior (Stálin tratou de fazê-lo em fins de 1922, influenciado por Sokonikov -(2)) implicaria não só o retorno da Rússia ao caminho capitalista como sua transformação em um país semicolonial. Mas não pode se esquecer que o monopólio do comércio exterior implica a exclusão automática da Rússia da divisão internacional

do trabalho, que foi a base do desenvolvimento capitalista deste país. A consequência direta da expansão geral da economia foi uma notória retração do comércio exterior. Em consequência, a rápida expansão da industrialização está determinada, em medida considerável, pela necessidade da república soviética de produzir tudo o que a Rússia burguesa recebia do exterior com maior vantagem. Se houvesse regimes socialistas em outros países, o monopólio do comércio exterior, sem dúvida, não seria necessário, e a URSS receberia dos países mais avançados os produtos que carece, em condições absolutamente mais proveitosas que as desfrutava a Rússia burguesa. Na situação atual, o monopólio do comércio exterior, absolutamente indispensável para proteger os fundamentos da economia socialista, exige imperativamente gigantescos investimentos na indústria para que o país possa simplesmente sobreviver. Foi essa situação que produziu a escassez crônica de produtos acabados em um momento de grande avanço da produção industrial.

O caráter fragmentado da economia camponesa, herança do passado, se exacerbou com a Revolução de Outubro, já que seu primeiro objetivo foi a “revolução agrária democrática”. A fragmentação do setor agrícola apresentaria sérias dificuldades para a reconstrução socialista da agricultura na Rússia ainda que o proletariado já tivesse tomado o poder nos países avançados. Estas dificuldades são muito maiores uma vez que o país da Revolução de Outubro só conta com seus próprios recursos. Entretanto, a extrema lentidão da reconstrução socialista provoca uma maior divisão da terra e, em consequência, um aumento da proporção da produção destinada ao autoconsumo.

Esta é uma das razões da escassez de produtos agrícolas.

Não menos importante é o alto preço dos bens industriais. É o meio de que dispõe a indústria para pagar sua transição para uma economia mais avançada e ao mesmo tempo continuar investindo naqueles ramos que são

necessários à causa do monopólio do comércio exterior. Em outras palavras, para o campo é muito alto o custo da indústria socialista.

O campesinato estabelece uma separação rígida entre a revolução agrária democrática que os bolcheviques concluíram e os fundamentos que estes assentaram para a revolução socialista. A transferência da propriedade da terra do latifundiário ao campesinato -a revolução democrática -proporcionou-lhe em torno de quinhentos milhões de rubros, ao liberá-lo do pagamento da renda. Mas devido as “tesouras” dos preços, os camponeses estão pagando uma soma muito elevada em benefício da indústria estatal. Resulta então que para o campesinato o balanço das duas revoluções que se combinaram em Outubro implica de todos os modos em um déficit de cem milhões de rubros. Este é um fato indiscutível, e além disso muito importante para avaliar tanto a situação econômica como a situação política do país. Temos de enfrentá-lo abertamente. Constitui a base das deterioradas relações entre o campesinato e o governo soviético.

O ritmo lento de crescimento da economia camponesa, sua fragmentação posterior, as “tesouras” dos preços industriais e agrícolas -em uma palavra , as dificuldades econômicas do país -criam condições favoráveis para o desenvolvimento dos *kulaks* e para que estes ganhem uma influência desproporcional ao seu peso numérico e aos recursos materiais de que dispõem. O excedente do cereal, que está principalmente em mãos dos estratos superiores da aldeia, é um elemento de escravização do campesinato pobre e de venda especulativa aos elementos pequeno-burgueses das cidades, ficando eliminado do mercado nacional. Não só falta cereal para a exportação mas, inclusive, para cobrir as necessidades internas. O volume extremamente reduzido das exportações leva a ter de diminuir drasticamente a importação de bens acabados e, além disso, da maquinaria e matéria prima industrial, o que por sua vez nos obriga a pagar cada avanço da in-

dustrialização reduzindo extraordinariamente nossos recursos econômicos.

Isso explica fundamentalmente por que, em uma época de ressurgimento geral da economia e com um ritmo veloz de industrialização, na república soviética continuam existindo as “filas”, que é o argumento mais forte contra a teoria do socialismo em um só país.

Mas as filas são também um argumento contra a prática econômica oficial. Aqui passamos dos fatores objetivos para aos subjetivos, sobretudo da política da direção. É sem dúvida que nem a direção mais correta e previdente poderia ter conduzido a URSS à construção do socialismo dentro de suas fronteiras nacionais, isolada da economia mundial pelo monopólio do comércio exterior. Se a revolução proletária nos países capitalistas avançados se posterga várias décadas, a ditadura do proletariado da república soviética cairá inevitavelmente, vítima de suas próprias contradições econômicas, combinando ou não esse processo com a intervenção militar. Traduzido em linguagem política, isto significa: o destino da república soviética, nas condições mencionadas, está determinado pela direção econômica interna e pela luta revolucionária do proletariado internacional. Em última instância, o segundo é o fator decisivo.

Uma correta direção econômica na URSS significa que se utilizem os recursos e oportunidades de maneira tal que um ascenso genuíno e notório do nível de vida das massas trabalhadoras acompanhe o avanço do socialismo. Agora, o objetivo prático não é “superar” toda economia mundial -uma fantasia -, mas consolidar as bases industriais da ditadura proletária e melhorar a situação dos trabalhadores, fortalecendo o requisito político da ditadura, isto é, a unidade do proletariado com o campesinato não explorador.

A política correta na URSS significa prolongar o mais possível a existência da ditadura nas condições de isolamento em que se encontra. A política correta para a Internacional Comunista implica impulsionar o máximo pos-

sível o triunfo do proletariado dos países avançados. Em certo ponto estas duas linhas têm de unificar-se. Só com esta condição o contraditório regime soviético atual poderá -sem termidor, nem contrarrevoluções, nem novas revoluções -converter-se em uma sociedade socialista sobre a base da expansão do socialismo que finalmente deverá abarcar todo o mundo.

O tempo, fator político crucial em geral, se torna decisivo ao encarar o problema do destino da URSS. Sem dúvida, desde 1923, a direção atual vem fazendo tudo o possível para deixar correr o tempo. Os anos de 1923, 1924 e 1925 se perderam em combater a chamada superindustrialização -denominação com que se referiam à exigência da Oposição de que se acelerasse o ritmo da industrialização -, o princípio da economia planificada e a previsão econômica em geral. A aceleração do ritmo da industrialização se encarou empiricamente, por saltos e com mudanças tão bruscas que aumentou enormemente o custo da construção e foi um peso para as massas trabalhadoras. Há seis anos, a Oposição exigiu que se elaborasse um plano quinquenal. Nesse momento se ridicularizou esta exigência em um estilo totalmente de acordo com a mentalidade do proprietário pequeno burguês que tem os grandes objetivos e as grandes perspectivas. Qualificamos esta atitude de *menchevismo econômico*. Por exemplo, em abril de 1926, Stálin afirmava que necessitávamos a hidrelétrica de Dnieper tanto quanto um camponês pobre necessita um fonógrafo, e, por outro lado, negava absolutamente que o ritmo de nosso desenvolvimento econômico dependesse dos acontecimentos mundiais.

O plano quinquenal chegou com cinco anos de atraso. Os erros, retificações e ajustes dos últimos anos estiveram à margem de um plano geral, e por essa razão a direção aprendeu muito pouco deles. É impossível não lembrar aqui que o primeiro projeto de plano quinquenal, preparado em 1927, era mesquinho, minimalista e economicamente covarde. A Oposição o criticou implacavelmente em

seu programa. Foi esta crítica, baseada nas necessidades reais do desenvolvimento econômico, o que determinou que no transcurso de um ano se revisasse integralmente o plano. Prontamente ficaram descartados todos os argumentos contra a “superindustrialização”. O aparato, que durante vários anos havia funcionado de acordo com o menchevismo econômico, recebeu a ordem de considerar herético tudo o que até o dia anterior era palavra santa, e, por outro lado, de oficializar a heresia até então chamada de “trotskismo”. Esta resolução pegou totalmente desprevenidos tanto os comunistas como os especialistas do aparato, educados na linha exatamente oposta. As primeiras tentativas de resistência ou as tímidas demandas de explicação foram sumária e severamente castigadas. E como podia ser de outro modo? Permitir explicações implicaria descobrir que a direção está ideologicamente em bancarrota, que deixou de lado todos seus supostos teóricos. Desta vez o aparato se submeteu silenciosamente. À pessoa que deu o informe sobre o plano quinquenal (Rikov) se lhe atribui a seguinte fórmula: é melhor *estar pelo* (isto é, apoiar) ritmo acelerado de desenvolvimento que *estar dentro (do cárcere) por se colocar contra*”.

Se o novo plano se impôs com o chicote nas mãos, não é difícil imaginar como se colocará o aparato a sua aplicação, já que suas nove das dez partes estão mais à direita que a direita oficial. Entretanto, a esquerda, de cujo programa se tomaram as ideias básicas do plano quinquenal, continua submetida à repressão e à calúnia. O aparato vive esperando novas mudanças e viradas, e nem sequer se atreveu a pedir ajuda ao sindicato dos camponeses pobres. O partido se encontra nesse momento diante de fatos consumados. O aparato não confia no partido e o teme. Nessa situação, ninguém vê no novo plano quinquenal a expressão de uma virada para a esquerda pensada e firme. Isto é, ninguém salvou um punhado de capituladores.

O mesmo pode se dizer a respeito da política da Internacional Comunista. Depois da união com Chiang Kai-shek,

da teoria do “bloco das quatro classes”, do chamado à formação de um partido operário e camponês, da colaboração amistosa com o Conselho Geral -que traiu a greve geral - , a Internacional soltou em vinte quatro horas a consigna : nenhum acordo com os reformistas, combater o social-fascismo para conquistar as ruas. O novo e pronunciado zigue-zague se baseou na teoria do “terceiro período”, especialmente propícia para semear ilusões, estimular as ações aventureiras e preparar o novo giro... à direita.

Em consequência, o 12º aniversário da Revolução de Outubro encontra a República Soviética e a Internacional atoladas em grandes contradições e dificuldades que demonstram, pela negativa, a correção da teoria marxista da revolução socialista. Como Lênin, entramos na Revolução de Outubro profundamente convencidos de que na Rússia a revolução não podia ter um caráter independente e acabado. Acreditávamos que não era mais do que o primeiro elo da revolução mundial e que o destino deste elo estaria determinado por toda a cadeia. E hoje continuamos sustentando esta posição. Os progressos alcançados na construção socialista avançam paralelamente às contradições, e serão inevitavelmente devorados por estas se no futuro as conquistas da revolução mundial não apoiarem a república soviética.

A expulsão do partido e a perseguição desfechada ao setor revolucionário dentro da república soviética constituem uma clara expressão política das contradições de uma república proletária isolada em um país atrasado. Não é surpreendente, por paradoxo que pareça, que os Bessedovskis -que são inumeráveis -expulsem os Rakovskis e depois, na primeira oportunidade, passem para o bando da reação.

Spinoza dizia: “Nem chorar, nem rir, compreender”. Há que compreender para lutar melhor pela Revolução de Outubro.

Durante o 12º ano se aprofundarão as contradições. Pode se tomar desprevenido um partido debilitado e es-

trangulado. Diante da primeira grande dificuldade, levantarão a cabeça os Bessedovskis de todo o calibre. O aparato centrista demonstrará que é um aparato e nada mais. O núcleo proletário necessitará de uma direção e só a Esquerda comunista, temperada na luta, poderá proporcioná-la.

Saudamos o 12º ano daqui do desterro, da prisão e do exílio. Mas não somos pessimistas.

O princípio da ditadura proletária deixou sua marca indelével na história. Demonstrou a força tremenda de uma jovem classe revolucionária dirigida por um partido que sabe o que quer e que é capaz de unir sua vontade com o processo objetivo em desenvolvimento.

Estes doze anos demonstraram que a classe operária, ainda que em um país atrasado, não só pode derrotar seus banqueiros, latifundiários e capitalistas como também fazer avançar a indústria mais rapidamente que sob o domínio dos exploradores.

Estes doze anos demonstraram que a economia planificada centralizada é incomensuravelmente superior à anarquia capitalista, representada por poderosos trustes que disputam entre si.

As conquistas, exemplos e lições são essenciais. Gravarão para sempre na consciência da classe operária mundial.

Não rechaçamos nada nem lamentamos nada. Vivemos com as mesmas ideias e atitudes de Outubro de 1917. Podemos ver mais além dessas dificuldades circunstanciais, pois, por mais que o rio transborde, sempre irá para o oceano.

*Extraído do livro “Escritos”,
de Leon Trostky, tomo I, 1929-30, vol. 2)*



Caixa Postal nº 630 - CEP 01059-970 - São Paulo
www.pormassas.org -- [facebook.com|massas.por](https://facebook.com/massas.por) -- [anchor.fm|por-massas](https://anchor.fm/por-massas)
